



O AMOR/ÁGAPE E O SERVIÇO/DIACONIA, NOS ESCRITOS JOANINOS

(The Love/Agape and the Service/Diaconia, in the Writings of Saint John)

Me. Renato da Silva Machado*

Mestre em Teologia Sistemática e Pastoral, PUC-RJ.

Doutorando na mesma universidade.

E-mail: remadc@hotmail.com

RESUMO

Em um mundo marcado pelo hedonismo, materialismo e individualismo, os cristãos são convidados a dar testemunho de amor e de serviço, apontando à realidade que ultrapassa os horizontes humanos e oferece o verdadeiro sentido da existência. Este testemunho, por sua vez, pauta-se no acolhimento do amor e serviço de Deus para conosco, conforme nos ensina a literatura joanina. João nos ensina que Deus é o primeiro no amor e nos dá a graça de vivenciarmos o amor, em nossa vida cotidiana, na forma de serviço.

Palavras-chave: Amor. Serviço. João.

ABSTRACT

In world marked by hedonism, materialism and individualism, Christians are invited to give testimony of love and service by pointing to the reality that goes beyond the human horizons, and offers the true meaning of existence. This bears witness, for its part, is based on an experience of love and service of God towards us, according to all the literature joanina. John teaches us that God is the first in the loves and gives us the grace for us to experience love in our lives in the form of service.

Keywords: Love. Service. John.

INTRODUÇÃO

Deus é amor (1Jo 4,8). Esta verdade proclamada pelas comunidades primitivas retrata a experiência dos discípulos de Jesus de todos os tempos: a experiência de ser inserido no mistério de Deus, por meio (serviço) do seu Filho. Desta mesma experiência nos tornamos participantes. No encontro com Deus/Ágape, fazemos a experiência de sermos incluídos no amor trinitário. Esta experiência nos impulsiona a agir com os outros da mesma forma. Destarte, o modo de nos relacionarmos se apresenta como fruto da experiência mística, da intimidade com Deus. Mais do que uma regra de convivência meramente exterior, mas que também se traduz numa prática concreta, a vivência do amor/serviço é fruto de um encontro pessoal com o Senhor, com Aquele que nos seduz e que preenche toda a terra com o seu amor (Sl 117,64).



Percebemo-nos, no entanto, imersos num mundo marcado pelo hedonismo e individualismo narcisista, no qual impera uma *cultura do descartável*, isto é, uma cultura na qual o ser humano é *coisificado*, visto apenas como objeto de interesses mesquinhos. Esta cultura mostra-se contrária ao projeto de Deus para o ser humano. A presente reflexão, ao tratar do amor e do serviço, tem presente este horizonte no qual a Igreja é chamada a testemunhar mais do que com palavras, com práticas concretas esta experiência de Deus que ela tem.

A temática do amor e do serviço é de grande relevância nos escritos joaninos. Se lermos no Evangelho que sua finalidade trata-se de conduzir o leitor a fé (Jo 20,31), ao longo dos escritos joaninos, vamos perceber que o amor e o serviço traduzem, de forma prática, a experiência de fé.

1. O MANDAMENTO DO AMOR NO JUDAÍSMO, NA ÉTICA E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA TERRENA DE JESUS

1.1. A influência da tradição sapiencial-patriarcal profético-deuteronomista na literatura joanina

O Quarto Evangelho (QE) situa-se no horizonte da tradição sapiencial-patriarcal profética de Israel. Já no seu início lemos: *No princípio [...]*. É um convite a uma releitura de toda a história da salvação, de toda a Bíblia.

Temos no QE uma releitura da Lei na perspectiva do amor. Sabemos que no Deuterônomo a temática da Lei é de irrefutável importância e que esta Lei é expressão do amor, da Aliança de Deus para com o seu povo e resposta deste povo a Deus. No QE, Jesus é aquele maior que os profetas (Jo 4,19; 7,40), é a nova e definitiva expressão do Deus *ágape*, de modo que contemplá-lo, ter um encontro com Ele é ter uma experiência com o próprio Deus (Jo 14,9).

Para a Sinagoga, o Deuterônomo é o coração da Lei, o livro da bíblia de maior importância. Ele é a fonte da Lei, a inspiração da vida de todo judeu. Na tentativa de traduzi-lo para o cotidiano da vida, os rabinos começaram a detalhar seu conteúdo e acabaram se perdendo em seus 613 mandamentos, levando-os a um casuismo insustentável.¹ Jesus se depara com este casuismo e o critica, lembrando de um primeiro e único mandamento (Mt 12,28-34). No evangelho de João, a problemática é mostrada de modo global. Não só a Lei, mas todo o judaísmo é reinterpretado a partir de Jesus Cristo.

À luz da tradição sapiencial, a comunidade joanina supera um casuismo do mandamento do amor e lhe confere um caráter prático-comunitário, algo a ser vivido na experiência cotidiana e de modo permanente.² O mandamento do amor não é situado num contexto de argumentação escriturística, mas na praticidade da vida. *Amai-vos uns aos outros como eu*



vos amei (Jo 13,34ss; 15,12.17). Trata-se de algo a ser experienciado. Assim vemos, portanto, que *o critério prático do mandamento do amor mútuo 'amai-vos uns aos outros' está enraizado numa dinâmica frontal e relacional. Esta dinâmica tem sua origem no próprio Deus.*³ Deus é a fonte do Amor. Deus é Amor (1Jo 4,8-16). Trata-se de uma profissão de fé da comunidade que fez a experiência de ser amada por Deus. E esta experiência está fundamentada em Jesus, na experiência amorosa com ele, aquele que nos revela o rosto amoroso de Deus por palavras e gestos. Nele encontramos o modelo e a origem do amor, ou seja, a própria força interior para amar-nos mutuamente. Uma vez que o amor de Deus em Jesus é apresentado como norma do amor cristão, este não vai estar somente pautado na própria pessoa como uma projeção, conforme vemos em Lv 19,18: *Não te vingará e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o próximo como a ti mesmo, mas se pautará no amor de Deus que é ilimitado e gratuito.*⁴

1.2. Origem, etimologia e uso do mandamento do amor na cultura judaica, helenista, na prática sinagoga e a sua releitura cristã⁵

Tradição hebraica	<i>`ahab</i>	amor zeloso, ciumento, sedutor, que escolhe seu objeto de predileção dentre outros e exerce seu domínio sobre ele; magoa-se com a infidelidade. Não é apenas um sentimento, uma disposição interna, mas consiste numa ação prática. Sua característica principal é a dimensão unitária, global e integradora do ser.
Tradição grega	<i>eran/ Eros</i>	amor cósmico, universal, indiscriminado, descomprometido e indiferente a fidelidade. A partir da filosofia platônica é a grande e única força que se constitui na mais alta representação da plenitude da vida e da sublimação mística.
	<i>philein/ philia</i>	relacionamento interpessoal de parentesco ou amizade que se caracteriza pela reciprocidade. Expressa-se como dom e compromisso de fidelidade.
	<i>agapan/ agape</i>	vocabulo grego mais comum para traduzir o <i>`ahab</i> hebraico. É um amor que nasce da admiração. Caracteriza-se pela dimensão ativa no sentido de escolher, decidir e optar a partir da liberdade e discernimento e não pela simples atração afetivo-sentimental-emocional, porém não a exclui. Expressa a doação desinteressada e gratuita.

O mandamento do amor não é uma novidade do Novo Testamento. É um mandamento de *Iahweh* desde o princípio. Por isso, o Novo Testamento já o apresenta como vétero-



testamentário (Dt 6,4-5; Lv 19,18) presente, pelo menos na teoria, na tradição da qual Jesus fazia parte (Mc 12, 32s).

Na tradição sinagoga, temos pelo menos nove aspectos da dinâmica do amor:⁶

a) Significa o amor de Deus para com o seu povo eleito e o motivo mesmo desta eleição (Sl 89,2-5).

b) Resposta que o povo deve dar a Deus, em vista de sua gratuidade. O povo expressou esta resposta como *santificar o nome de Deus* (Dt 6,4-5).

c) Integração entre amor a Deus e amor a Lei. O amor a Deus se manifesta no estudo, na prática e no amor à *Torah*, de modo que isto se apresenta mais importante que a própria vida (Sl 63,4; 2Mc 7,23).

d) A relação entre temor e amor. Amor e temor na literatura judaica aparecem quase como idênticos (Eclo 1,10-20; 7,29-31; 25,11) e significam: piedade, respeito, honra. No entanto, o temor aparece como um primeiro passo do amor.

e) A prática da justiça expressa pela prática das obras de misericórdia, de dar esmolas, de guardar os mandamentos e de prestar culto a Deus (Tb 4,5-19).

f) O relacionamento da *Torah* e o amor ao próximo. Na tradição judaica, havia uma tendência a restringir a prática do mandamento do amor ao âmbito familiar. Esta tendência é superada pela teologia da Aliança que motiva o amor e o compromisso com o compatriota, participante da mesma Aliança de *Iahweh*. Significa viver a comunhão com os irmãos da comunidade.

g) O binômio amor/ódio. Ao lado de uma teologia de um Deus que ama e elege um povo, surge uma compreensão de um Deus que não ama os inimigos do seu povo, ao contrário, os odeia (Sl 139,19-21). Deste binômio surge também a incompatibilidade de convivência entre o judeu praticante e o ímpio, o justo e o pecador (Eclo 13,15-17; Sl 45,8).

h) Dinâmica comunitária e dimensão social. O amor aparece como uma dinâmica comunitária que tem como perspectiva os mais pobres (Dt 15,11).

i) O movimento restritivo da prática do amor. Há um movimento de estreitamento do nível do amor até o nível dos compatriotas. É partícipe do povo de *Iahweh* quem vive na justiça. Aumenta a oposição classista entre justos e pecadores.

O encontro da tradição judaica-sinagoga com a helenista somou elementos culturais e religiosos que deram origem ao que podemos chamar de *amor cristão*. Este, mais do que uma novidade, é uma assimilação destas tradições de modo crítico. Assim, mesmo como Jesus que, sendo de cultura judaica, criticou esta tradição e apresentou aos cristãos uma



práxis histórica do amor a partir de si mesmo. Ele é o critério para se verificar a coerência da ética cristã, em todos os tempos e culturas. Ele, não somente manda seus discípulos a amar, mas a *viver o mandamento do amor, na dinâmica permanente de acolher o amor fontal do Pai e de partilhá-lo com os seus.*⁷

O amor do Pai não é para Jesus um impulso incompreensível e determinista, como concebia o *eros* grego, mas coincide com a própria vontade de Jesus, com sua opção de vida. Deste modo, o amor de Jesus tornar-se epifania do amor salvífico de Deus, por meio de sua ação histórica, consciente e livre da entrega de sua própria vida (Jo 10,17-18; 13,1-3; etc.).

Este amor consciente e livre tem como seu primeiro destinatário os pobres (Lc 4,18; Mt 5,1-12; Lc 6,20-23). A estes, Jesus se faz solidário, vivendo também na pobreza e anunciando-lhes com palavras e gestos o Evangelho, a Boa Notícia do Reinado includente de Deus. O amor de Deus anunciado por Jesus seja com suas palavras seja com sua vida manifesta-se como gratuidade e perdão. Isto, em João, é enfatizado pela iniciativa divina de amar-nos por primeiro (Jo 3,16; 1Jo 4,19).

A iniciativa divina em amar-nos não deve ser respondida com indiferença (Lc 17,11-19), mas como uma existência de vida, um modo de se relacionar com Deus e com os irmãos e irmãs. Na vida de Jesus, isto é manifesto no seu relacionamento amoroso com o Pai (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22; Jo 17,1-26) e com os seus amigos. Neste sentido, podemos verificar seu relacionamento com Marta, Maria e Lázaro (Jo 11,1-44), com seus discípulos (Jo 15,13-16) e com o Discípulo amado, personagem constante na vida de Jesus no QE (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7).

O relacionamento amoroso filial de Jesus com o Pai supera o medo. No judaísmo, o mandamento do temor de Deus é tão importante quanto ao amor de Deus.⁸ A relação de Jesus com o Pai nunca é situada no âmbito do temor a Deus, mas ao contrário, como superação do temor: *Não há temor no amor, ao contrário, o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor implica um castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor* (1Jo 4,18). Este posicionamento crítico, em relação ao temor, nos abre caminho para entendermos também a crítica de Jesus à falsa compreensão e prática do mandamento do amor da época. Criticando esta falsa compreensão do amor, ele convida seus discípulos e discípulas a abandonar esta mentalidade e a permanecer com ele, situando-se neste novo horizonte (Jo 15,1-17). Na Sinagoga, a busca da honra, da glória e da recompensa era comum.⁹ Procurava-se ser bondoso, amável e caridoso para ser amado e reconhecido pela comunidade. Jesus contesta duramente esta mentalidade:

Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida. Não recebo a glória que vem dos homens. Mas eu vos conheço: não tendes em vos o amor de Deus. Vim em nome do meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o acolheríeis. Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, mas não procurais a gloria que vem do Deus único? (Jo 5,40-44).



O amor de Jesus não está fundamentado num sucesso neste mundo, mas no amor gratuito de Deus, no estar situado no mistério amoroso de Deus (Jo 13,1-3). Amar trata-se então de acolher o amor de Deus que nos amou por primeiro (Jo 15,9) e vivenciar este amor, amando aos irmãos e irmãs como o próprio Jesus fez (Jo 10,1-18). Neste sentido é que no evangelho de João a vivência do amor/*ágape* é apresentado como novo e único mandamento de Jesus, como um legado aos seus (Jo 13,34; 15,12).

2. A CENTRALIDADE DO TEMA DO AMOR NA ESTRUTURA GLOBAL DO EVANGELHO DE JOÃO

No evangelho de João, temos um grande acento em relação a vivência do amor. Este é apresentado como um permanecer em Cristo: *Assim como o Pai me amou eu também vos amei. Permaneci no meu amor* (Jo 15,9). Neste versículo poderemos perceber claramente o desenvolvimento da dinâmica do amor: o Pai ama o Filho, que ama aos seus, e que estes por sua vez devem amar-se entre si. O amor parte do Pai. Ele é a fonte.¹⁰ Jesus não somente ama com o mesmo amor com que o Pai o amou, mas ama porque o Pai o ama. O amor de Jesus trata-se de um prolongamento do amor do Pai. A declaração de Jesus, em Jo 15,9, tem uma forte conotação *causal*. Não significa só *do mesmo modo que o Pai me amou*, mas também *porque o Pai me amou*, no sentido de fundamento.¹¹

O Pai é o amor e comunica, doa amor ao Filho. Este amor entre o Pai e o Filho, no entanto, não é algo fechado em si mesmo, mas é por sua natureza mesma gerador de vida (Jo 10, 17.18; 3,16). Neste sentido vemos que o amor, para João, não é um conceito teórico a ser definido, mas é propriamente um movimento relacional que só pode ser experimentado por quem se coloca nesta dinâmica. Não é apenas um simples sentimento de afeição, mas um *ser-para-os-outros* que define a pró-existência de Jesus e, conseqüentemente, dos discípulos.¹² Aqueles que são amados por Jesus e o amam, necessariamente, não por coação, mas por desdobramento do amor, fazem de sua vida uma *existência-para* (Jo 4,21). Assim, é perceptível o aspecto da solidariedade presente no texto joanino (1Jo 3,16-18).

Um autêntico amor a Deus conduz necessariamente a um amor concreto aos irmãos e irmãs e este amor entre irmãos, por sua vez, também leva a uma adesão a Deus.

Todo o que crê que Jesus é o Cristo nasceu de Deus, e todo o que ama ao que gerou ama também o que dele nasceu. Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos (1Jo 5,1-2).

O amor de Jesus para com os seus discípulos deve, portanto, ser desdobrado num amor mútuo, pois o amor de Jesus não vai ter somente uma forma de exemplo, mas vai ser a capacitação para tal. Daí a importância de aceitar o amor de Jesus para poder ter a força de amar aos irmãos com a intensidade que o amor de Jesus proporciona.¹³ Esta vivência contínua do amor entre irmãos e do amor a Deus, deslumbrado no evangelho como um *permaneci no amor*, é possibilitada, em Jesus, pela permanência do Paráclito nos seus.



Ele atua como *força dinamizadora (Pneuma) da ágape divina manifestada na relação exemplar entre o Pai e o Filho e os 'seus'*.¹⁴

2.1. O enfoque horizontal do amor

Vemos na obra joanina, um enfoque horizontal do amor. Trata-se de focalizar as relações entre os membros da comunidade. Quando estudamos as fases da comunidade joanina, podemos perceber basicamente três períodos.¹⁵ O primeiro, trata-se do período primitivo da origem da comunidade joanina. Esta tem sua origem situada, provavelmente, antes da guerra judaica (que aconteceu entre os anos 60-80). Trata-se de um grupo proveniente do judaísmo que ainda freqüenta a Sinagoga e, com o sucesso que vai fazendo na obra missionária, (Jo 2,11; 4,53; 6,14) vai ser expulso da Sinagoga. No período seguinte, o período médio, os cristãos expulsos da Sinagoga são encorajados a continuar no caminho de discipulado de Cristo e recebem agora os samaritanos que se convertem (Jo 4,42). Aqui é dada a redação do evangelho (em grande parte) e também se começa a observar, já aqui, uma cristologia que vai se tornando gloriosa. Por fim, no período tardio, vemos uma problemática trazida com a cristologia da glória. Grupos cristãos que não participaram da trajetória da comunidade joanina começam a enfatizar por demais a divindade de Cristo e desvalorizar sua humanidade. Esta interpretação unilateral causa um grande conflito interno, na comunidade joanina. A partir desta problemática é constituída a terceira redação do evangelho e a primeira carta de João. Neste momento, o conflito central não se referia aos de fora, mas antes, era intra-comunitário.¹⁶

A partir deste terceiro período da vida da comunidade joanina é que percebemos a grande relevância da temática do amor no QE, especialmente nos discursos de despedida (Jo 13-17). A importância deste conceito nesta parte do evangelho pode ser vista pelo uso do vocábulo.¹⁷ Nos capítulos 1-12, as palavras chaves são *zoe* (vida) e *phos* (luz). Já nos capítulos 13-17, essas palavras são raras e a palavra chave de leitura é *ágape*. Podemos observar melhor isto a partir do quadro seguinte:

	Capítulos 1-12	Capítulos 13-17
<i>zoe</i>	32	4
<i>zen</i>	15	2
<i>zoopoiein</i>	3	-
total	50	6
<i>phos</i>	23	-
<i>photizein</i>	1	-
<i>skotos, skotia</i>	8	-



total	32	0
<i>agape</i>	1	6
<i>agapan</i>	5	25
total	6	31

Na leitura da obra joanina, esta mudança das palavras chaves não deve ser apresentada no sentido de oposição, mas podemos perceber, no sentido global da obra, uma melhor explicitação:

a luz que Cristo veio mostrar e a vida que veio dar são, considerados na raiz, amor; e de outro lado, indicar que, concreta e plenamente, a resposta da pessoa humana ao dom de Deus é amor: no amor, a fé encontra seu cumprimento e o dom de Deus, sua expressão.¹⁸

2.2. A conexão fé-amor-vida

Sabemos que a finalidade do evangelho de João é levar a fé em Jesus e esta fé, por sua vez, é comunicação de vida (Jo 20,31). Ora, o crente, o discípulo de Jesus, deve conformar sua vida à vida de seu Mestre que convida a dinâmica do amor (Jo 15,9), a permanecer no amor, isto é, fazendo de sua vida um amor concreto, uma solidariedade para com os seus: *Nisto conhecemos o amor: ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos* (1Jo 3,16). Crer em Deus significa contemplar o grande amor de Deus por nós, que entregou seu Filho único para que tivéssemos a vida (Jo 3,16). Esta contemplação quer indicar um movimento de inserção neste mistério amoroso que é Deus e fazer de sua vida uma manifestação de solidariedade, de amor concreto para a realização da vida, não como ato heróico, mas como epifania do amor¹⁹ (Jo 10,10).

2.3. O amor como entrega

A dinâmica do amor divino se expressa por sua entrega a nós. É entrega do Pai, que ao entregar seu Filho a nós para nos dar vida (Jo 3,16; 10,17-18) entrega-se a si mesmo, pois entrega aquilo que é mais precioso para si. Neste sentido, a cruz torna-se epifania do amor do Pai (1Jo 4,8,16).

O Filho também se entrega no amor, na medida em que sua entrega não é vontade somente do Pai, mas na sua liberdade, entrega de si mesmo (Jo 10,17-18). Sua partida deste mundo para o Pai possibilita a entrega do Espírito, que sendo entrega do Pai e do Filho²⁰ clarifica a entrega trinitário-salvífica. Embora o Espírito nunca seja chamado de Amor,²¹ termo designado ao Pai (Jo 3,16; 1Jo 3,1; 4,8,16) ele é aquele que nos confronta com o mistério de amor que é Deus e que nos insere nele (Jo 16,13; 14,17; 15,26).



Esta entrega de Deus foi experimentada pela comunidade cristã com o evento pascal e expressa pela comunidade joanina por meio da fórmula *Deus é amor*, que não se trata de uma abstração teórica, mas de uma experiência de Deus feita pela comunidade.

Ao entregar seu Filho por amor a nós e para nossa salvação, o Pai aceitou o risco de uma não-aceitação da humanidade deste grande dom. Esvaziou-se da possibilidade de impor sua vontade em prol da liberdade do ser humano. A humanidade, porém, não acolheu este amor e entregou o Filho de Deus a morte. O Pai nem por isso deixa de amar a esta humanidade, ao contrário, ressuscita seu Filho e faz com que sua morte se torne causa de vida e salvação de todos.

Os cristãos diante deste movimento de esvaziamento de Deus, da *kenosis* divina, são chamados a estabelecer novas relações, que respeitem a liberdade e a diferença do outro. Por meio do amor mútuo, prolongam a manifestação do amor de Deus: *Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor em nós é levado à perfeição* (1Jo 4,12). Temos aí a dimensão sacramental do amor. O dom torna-se tarefa. O amor de Deus dado gratuitamente torna-se eixo norteador de vida. Podemos perceber, neste sentido, também na obra joanina, o universalismo da salvação e do amor mútuo. A comunidade do discípulo amado vai *funcionar*, por meio da vivência do mandamento do amor, como um sinal do amor incondicional e universal de Deus (Jo 13,35). Este amor sacramental, no entanto, tem sentido somente num encontro pessoal com Cristo, onde a pessoa faz, em primeiro lugar, a experiência de ser amado, de estar com o sentido de sua existência.²² A experiência com Ele torna-se fundamental para o discípulo, daí decorre a importância do *vinde e vede* dos primeiros discípulos (Jo 1,37-39), do convite a Natanael (Jo 1,46) e da experiência dos samaritanos: *Já não é por cauda do que tu falaste que cremos. Nós próprios ouvimos e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo* (Jo 4, 42).

3. AMOR E SERVIÇO: DUAS FACES DA MESMA MOEDA

A experiência com Cristo faz da pessoa um cristão, ou seja, plasma seu horizonte de modo que ela procura ter uma vida em conformidade com a de Jesus, entrando na dinâmica do amor vivenciada por ele. Esta dinâmica não se trata de uma mera abstração intelectual, mas perpassa o dia-a-dia do cristão por uma atitude de serviço. O amor somente é verdadeiro na medida em que é traduzido com formas concretas de serviço:

Nisto conhecemos o Amor: ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos. Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade (1Jo 3,16-18).

O serviço é desta forma a sublime expressão do amor e a experiência concreta do mesmo.



Toda a vida de Jesus é realizada num serviço, numa entrega aos seus. Esta entrega teve seu ponto culminante na cruz. Ela é expressão do serviço de Cristo, em favor dos seus. *Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente* (Jo 10,18). Antes, porém, de sua morte iminente Jesus antecipou por meio de um gesto simbólico o mistério da cruz (Jo 13,1-30), e já aponta a morte de Jesus como serviço ao ser humano.²³ No lava-pés, temos não somente um momento destacado de seu serviço, mas significa mesmo a vida toda de Jesus, vida vivida numa total entrega de si. Ela é a explicitação do amor-serviço que ele demonstrou ao longo de sua vida. Neste sentido, o lava-pés torna-se modelo de vida para os discípulos de Jesus.

Um primeiro destaque que podemos fazer em relação à narrativa do lava-pés é o da ruptura com os judeus. Jesus não estava ceando com os seus a refeição ritual da Páscoa. Era a véspera, o dia da Preparação (Jo 19,31). A ceia cristã não possui mais referência da ceia judaica, mas é a entrega do próprio corpo e sangue de Cristo.²⁴ Outro destaque é a postura de Jesus que deixa de lado a função de senhor e assume a identidade de Servo.²⁵ Ele se levanta da mesa que é o lugar dedicado ao dono e depõe o manto, sinal do poder e senhorio. Cinge-se com a toalha, despeja a água na bacia e começa a lavar os pés dos discípulos, atitude do empregado de uma casa. Depois ele senta-se novamente à mesa, recoloca o manto, mas não tira a toalha com que prestou o serviço de empregado. O *deixar o manto* e o *retomar o manto* faz alusão à morte mesma de Jesus que dá a sua vida para depois retomá-la (Jo 10,17). Novamente à mesa, aquele que é senhor e mestre se apresenta como exemplo para os discípulos, uma vez que os capacitou para tal.

O gesto de lavar os pés, que não era comum durante as refeições, mas antes dela (Lc 7,44; Gn 18,4s; 24,32s), quer apontar algo fundamental na vida de Jesus: aquele que é o Senhor se faz servo, coloca-os na condição de senhor.

Agindo deste modo, o senhor quer comunicar aos discípulos aquilo que é próprio do senhor, a liberdade, e ao fazer isto cria a igualdade entre todos, eliminando qualquer forma de hierarquia.

Na sociedade que ele funda, cada um há de ser livre; são todos senhores por serem todos servidores; o amor produz a liberdade. O futuro serviço dos seus terá o mesmo objetivo: criar condições de igualdade e liberdade entre os homens pela prática do serviço mútuo. Esta é a obra do amor.²⁶

A nova comunidade fundada por Cristo é pautada não numa hierarquia entre os membros, mas numa dignidade comum entre todos que faz com que a pessoa não fique engessada numa *auto-idolatria*, ao contrário, possibilita a dinâmica do serviço. As diferenças de funções, na comunidade, não criam uma hierarquia, não justifica nenhuma superioridade.²⁷ Ora, temos na narrativa do lava-pés a atitude de Pedro, que não aceita o rebaixamento voluntário de Jesus. Ao defender o lugar hierárquico de Jesus, ele pretende defender o seu próprio lugar na hierarquia. Isto significa colocar-se numa compreensão de uma sociedade



de desiguais, onde o senhor não pode servir, mas antes deve ser servido.²⁸ Esta compreensão do serviço (que se trata de uma compreensão de vida) é apresentada, no entanto, como incompatível com o discipulado de Cristo. *Se eu não te lavar não terás parte comigo* (Jo 13,8). Isto exige do discípulo uma mudança radical de mentalidade, mudança esta que pode custar caro para o discípulo, mas que no final se apresenta como o verdadeiro sentido da vida. *Se compreenderdes isso e praticardes, felizes sereis* (Jo 13,17). O verdadeiro sentido da vida, a verdadeira felicidade é encontrada na experiência do amor-serviço que tem sua origem no próprio Deus.

A fé tomada antes como finalidade do evangelho mostra-se como algo concreto, como uma prática de vida. Não se pode crer sem amar.²⁹ E o amor aqui é entendido como concreto, como uma atitude de serviço aos outros. Esta fé e este amor aos outros, por outro lado, se torna possível na medida em que a pessoa se abre à novidade de Deus. Na cena do lava-pés, temos este convite de nos situarmos num novo horizonte, deixando Deus nos servir. Este situar-se na gratuidade divina é que possibilita a gratuidade do discípulo. Sem aceitar o amor gratuito de Deus, é impossível saber amar e exercitar o amor.³⁰ Ser discípulo de Cristo e situar-se na dinâmica amor/serviço vivida por Ele. Assim dizendo, *quem não serve no sentido do lava pés, isto é, não se deixa amar por Deus através de Jesus* (cf. Jo 13,13,17) e *não ama o irmão* (cf. Jo 13,34; 15,12,17) *não pode fazer parte do discipulado de Jesus.*³¹

Enfim, ser discípulo de Jesus é colocar-se numa atitude de serviço, é pautar a sua vida numa entrega a Deus e aos irmãos, assim como fez Jesus. Trata-se de um permanecer nele para que, como ele deu sua vida por nós, nós também possamos dar nossa vida pelos irmãos (1Jo 3,16). Assim, como Cristo se fez imagem do Pai (Jo 14,9), nós também podemos e devemos ser no mundo a imagem de Cristo, na medida em que amamos uns aos outros (Jo 13,35). É no amor/serviço que encontramos nossa razão de nossa existência e a alegria do discipulado (Jo 13,1-7).

CONCLUSÃO

Se lermos que a finalidade do evangelho é a fé, este estudo nos ajudou a perceber que ela não é uma abstração, mas algo bem concreto que é deslumbrada na prática de vida. Não se pode crer sem amar.³² A fé em Deus se traduz no amor vivido a Ele e aos irmãos e irmãs. Amor entendido de modo bem concreto, isto é, na atitude de serviço.

Amor e serviço que são possíveis na medida em que se abre à novidade do amor incondicional de Deus por nós, ilustrada na cena do lava-pés. Nela, temos este convite de nos situarmos num novo horizonte, deixando Deus nos amar e servir. Este situar-se na gratuidade divina é que possibilita a gratuidade do discípulo. Sem aceitar o amor gratuito de Deus é impossível saber amar e exercitar o amor. Ser discípulo de Cristo e situar-se na dinâmica amor/serviço vivida por Ele. Ser discípulo de Jesus é colocar-se então numa



atitude de serviço, é pautar a sua vida numa entrega a Deus e aos irmãos, assim como fez Jesus. Trata-se de um permanecer nele, para que, como ele deu sua vida por nós, nós também possamos dar nossa vida pelos irmãos (1Jo 3,16). Assim, como Cristo se fez imagem do Pai (Jo 14,9) nós também podemos e devemos ser no mundo a imagem de Cristo, na medida em que amamos uns aos outros (Jo 13,35). É no amor/serviço que encontramos nossa razão de nossa existência e a alegria do discipulado (Jo 13,1-7).

No mundo do império do individualismo e narcisismo, os cristãos são mais do que nunca convidados a dar testemunho do amor e do serviço, e isto de forma especial por meio da superação de qualquer forma de competição e rivalidade. A fraternidade e o amor mútuo presente na comunidade eclesial deve ser um convite a novas experiências de amor com Deus e do amor fraterno, no seio da mesma comunidade. O amor/serviço, vivido na comunidade eclesial, é mais do que nunca o elemento principal da evangelização (Jo 13,35). A vivência do amor e serviço, da parte dos cristãos, é por sua vez possível mediante a graça de Deus, ao divino amor que nos capacitou para tal. Deus que nos amou por primeiro (1Jo 4,19) nos deu a força necessária para que possamos fazer de nossas vidas, assim como a dele, uma vida de amor/serviço.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. *Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994. VIII 10,14, p. 200.
- BROW, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- DODD, Charles Harold. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- JOSEP-O, Tuñi Vancells. *Jesús y el evangelio em la comunidad juánica: introducción a la lectura cristiana del evangelio de Juan*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1987.
- MATEOS, Juan. *O Evangelho de São João: análise e lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a História da Comunidade joanina*. Tese de Doutorado: PUC/RJ, 1993.
- WEILER, Lucia. *Fonte e dinâmica do mandamento do amor mútuo: uma releitura trinitária a partir da exegese e hermenêutica de Jo 15,9*. Tese de Doutorado, 1992.



NOTAS

* Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorando na mesma universidade. Atualmente é vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Vitória – Barra da Tijuca/RJ. E-mail: remadc@hotmail.com

¹ Cf. WEILER, Lucia. *Fonte e dinâmica do mandamento do amor mútuo: uma releitura trinitária a partir da exegese e hermenêutica de Jo 15,9*. Tese de Doutorado, 1992, p. 25.

² Cf. Ibid., p. 30.

³ Ibid., p. 31.

⁴ Cf. MATEOS, Juan. *O Evangelho de São João: análise e lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 586.

⁵ Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 32-39.

⁶ Cf. Ibid., p. 57-77.

⁷ Ibid., p. 81.

⁸ Cf. Ibid., p. 82.

⁹ Cf. Ibid., p. 95.

¹⁰ Cf. JOSEP-O, Tuñi Vancells. *Jesús y el evangelio en la comunidad juánica: introducción a la lectura cristiana del evangelio de Juan*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1987, p. 117.

¹¹ Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 217.

¹² Cf. Ibid., p. 225.

¹³ Cf. JOSEP-O, Tuñi Vancells, op. cit., p. 117-118.

¹⁴ WEILER, Lucia, op. cit., p. 255.

¹⁵ Cf. TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a História da Comunidade joanina*. Tese de Doutorado: PUC-RJ, 1993.

¹⁶ Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 311.

¹⁷ Cf. DODD, Charles Harold. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 526.

¹⁸ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 450.

¹⁹ Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 320-321.

²⁰ Cf. Credo Niceno-constantinopolitano: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado [...]”.

²¹ Teologia desenvolvida posteriormente por Santo Agostinho: “São três: o Amante, o Amado e o Amor” in AGOSTINHO, Santo. *Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994, VIII 10,14, p. 200.

²² Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 357-359.

²³ Cf. MATEOS, Juan, op. cit., p. 558.

²⁴ Cf. Ibid., p. 558.

²⁵ Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 361-362.



²⁶ MATEOS, Juan, op. cit., p. 563.

²⁷ Cf. Ibid., p. 568.

²⁸ Cf. Ibid., p. 564-665.

²⁹ Cf. JOSEP-O, Tuñi Vancells, op. cit., p. 119.

³⁰ Cf. Ibid., p. 118.

³¹ Cf. WEILER, Lucia, op. cit., p. 408.

³² Cf. JOSEP-O, Tuñi Vancells. op. cit., p. 119.

Artigo recebido em 14/11/2011
Artigo aprovado em 01/12/2011